

O património literário e a casa popular algarvia: Uma perspetiva **turístico-cultural**¹

SÍLVIA QUINTEIRO * [smoreno@ualg.pt]

RITA BALEIRO ** [rbaleiro@ualg.pt]

CLÁUDIA HENRIQUES *** [chenri@ualg.pt]

Resumo | O reconhecimento crescente da necessidade de diversificar a oferta turística de regiões costeiras associadas ao produto sol e mar, a par da ascensão do turismo cultural e do segmento do turismo literário, conduz à consideração da valorização de recursos culturais regionais. Este artigo circunscreve-se à região do Algarve (Portugal) e pretende, através da interligação entre recursos de património literário e arquitetónico/iconológico associados à casa algarvia, apresentar possibilidades de reforço identitário potenciadoras de valorização da experiência turística. Assim, a partir da análise do conteúdo de textos de Raul Brandão, Emiliano da Costa, António Ramos Rosa, Teresa Rita Lopes, Miguel Torga e Yvette K. Centeno, nos quais o Algarve é o pano de fundo, foram analisadas representações literárias da casa vernacular algarvia identificando-se as características e as funções dos elementos arquitetónicos que a constituem. A análise possibilitou evidenciar a existência de narrativas interpretativas que reforçam o *genius loci* ou espírito do lugar, pondo em destaque a associação simbiótica entre património tangível e intangível.

Palavras-chave | turismo cultural, turismo literário, casa algarvia, Algarve.

Abstract | The growing need to diversify the tourism offer in “sun and sea” coastal regions together with the rise of cultural tourism and of the literary tourism niche leads to the appreciation of regional cultural resources. This paper focuses on the Algarve (Portugal) region, and by linking literary resources and architectural/iconological heritage connected with the algarvian traditional house, aims at presenting opportunities for identity strengthening that will value the tourist experience. Thus, from the content analysis of texts by Raul Brandão, Emiliano da Costa, António Ramos Rosa, Teresa Rita Lopes, Miguel Torga and Yvette K. Centeno, in which the Algarve is the background, we have analysed literary representations of the algarvian vernacular house and identified its characteristics and functions of its architectural elements. The analysis allowed highlighting the existence of interpretative narratives that reinforce the *genius loci* or the spirit of the place, stressing the symbiotic association between tangible and intangible heritage.

Keywords | cultural tourism, literary tourism, traditional algarvian house, Algarve.

¹ Este artigo foi parcialmente financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

* **Doutora em Literatura Comparada** pela Universidade de Lisboa. **Professora Coordenadora** na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo pela Universidade do Algarve.

** **Doutora em Estudos Literários** pela Universidade Nova de Lisboa. **Professora Adjunta** na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve.

*** **Doutora em Economia** pela Universidade do Algarve. **Professora Adjunta** na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve, e **Membro integrado** do Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações, Universidade do Algarve (CIEO).

Casa Algarvia
 a barrinha azul ao comprido da fachada
 branca
 é para rimar
 com o debrum a mar
 ao longo
 do horizonte

Azul
 rima
 com Sul
 (Lopes, 2009, p. 20)

1. Introdução

Neste artigo partimos da premissa de que existe um discurso turístico que define os espaços a visitar, construindo o lugar turístico: "*Tourist discourses create sights to be seen, they etch significance onto the landscape and direct our attention.*" (Crang, 2004, p. 77). Assim, propomos a construção de um discurso turístico assente em textos literários nos quais está representada a casa popular algarvia. Casa não só entendida na sua tangibilidade arquitetónica mas também na sua dimensão intangível, através dos seus elementos simbólicos e imagéticos e da sua contribuição para a construção do espírito do lugar.

A opção pelo estudo das representações da casa popular prende-se com o facto de esta ser um ícone da região, apresentando atributos que espelham a posição geográfica do Algarve, o seu clima, as suas características geológicas, a história e o modo de vida da sua população, conferindo, desta forma, autenticidade e singularidade a este espaço.

A seleção de autores que propomos é eclética, não se limitando a autores algarvios ou a uma única escola literária, mas obedece a um critério: a menção e descrição dos elementos arquitetónicos da casa popular algarvia e sua função.

Começamos o artigo com uma breve revisão da literatura relativamente aos conceitos de turismo

cultural e turismo literário. Seguidamente apresentamos a metodologia aplicada, as representações da casa popular algarvia nos textos literários e, por último, as considerações finais.

2. Turismo cultural

O turismo cultural emerge em meados dos anos 70 do século XX, registando-se a partir da década de 1990 um crescimento acelerado na Europa, coincidente com o reconhecimento de que os turistas são consumidores de cultura (Europa Nostra, 2005; OCDE, 2009; UNESCO, 2003, 2010, 2013). O turismo cultural representa 37% das viagens turísticas mundiais e regista um crescimento anual de 15%. Nos últimos 20 anos, houve um aumento relevante no número de atrações culturais, bem como no número de destinos com interesse para o turismo cultural (OCDE, 2009).

À medida que a relação entre turismo e cultura se intensifica, potencia-se o reconhecimento do contributo da cultura para a economia, nomeadamente com o aumento da importância das atividades nucleares da cultura, das indústrias culturais e das indústrias criativas. Pelos montantes que este tipo de atividades envolve, atribui-se cada vez mais importância à cultura como produto de consumo (UNESCO, 2010, 2013).

Associada ao turismo, a cultura é perspectivada como um elemento de identidade regional, afirmando-se como um fator de competitividade de base territorial (OMC, 2010, p. 18). Efetivamente, o *National Trust for Historic Preservation* reportando-se ao turismo cultural, assinala um conjunto de cinco princípios estruturantes: (i) a ênfase na autenticidade e qualidade, (ii) a preservação e proteção do património, (iii) o impulsionamento de sítios e museus, (iv) o estímulo do contacto entre a comunidade local e o turismo cultural e (v) a colaboração/desenvolvimento de parcerias (CHT, 2014). Em todos estes princípios está patente o reconhe-

cimento de que a identidade do local é o que o distingue e cativa turistas, pois é essa autenticidade a criadora de valor e qualidade no produto turístico. Porém, e como salienta Ivanovic (2009, p. 74), “as culturas são distintamente diferentes em diversas sociedades. É esta a razão do turismo cultural. As pessoas são atraídas pelas diferenças e não pelas similaridades”.

O turismo cultural constitui uma forma de viajar, cujo objeto é a descoberta de monumentos e lugares (ICOMOS, 1999), que satisfaz a necessidade de diversidade e de ampliação do conhecimento do ser humano (ATLAS, 2004; EAHTR, 2006). Na sua reflexão sobre os elementos constituintes de um produto turístico cultural, Ignarra (2003) inclui o património cultural material e imaterial e agrega os produtos de turismo com vertente cultural: a história, a arte, a música, a dança, a arquitetura local, o artesanato, o folclore, o património arquitetónico, a peregrinação religiosa, a agricultura tradicional, o desenvolvimento científico, os aspetos industriais, o turismo educacional e a história da comunidade local. Estes elementos, individualmente ou num compósito, contribuem para a valorização da experiência turística (Pine & Gilmore, 2008).

A relação entre cultura, literatura e turismo assenta em “travessias comunicacionais discursivas, situadas nos bens simbólicos, que permeiam os três campos de conhecimento em questão” (Simões, 2004, p. 1). Esta relação remete-nos para a criação de uma experiência de turismo literário, um segmento do turismo cultural assente na literatura: “*literary tourism is also cultural tourism in the aesthetic sense: it is tourism based on creative art*” (Robinson & Andersen, 2002, pp. xiii-xiv). A definição de turismo literário implica que a literatura surja como o elemento suscitador da viagem (Butler, 2000) e como “guia para roteiros turísticos, na medida em que oferece um mapeamento de espaços e bens simbólicos, trazidos à cena através de patrimónios (material e imaterial) que configuram o perfil identitário de um lugar a ser visitado” (Simões, 2004, p. 1).

3. Metodologia

Após uma breve revisão bibliográfica sobre a relação entre turismo, cultura e literatura, com vista à criação de experiências turístico-literárias, procedemos a um levantamento exemplificativo e não exaustivo das representações da casa vernácula algarvia em textos literários portugueses do século XX.

Seleccionámos, para este efeito, textos de seis autores portugueses que têm em comum a representação da casa popular algarvia nas suas obras. Analisámos estas representações na sua relação com os recursos naturais, com o contexto geoclimático da região, com as atividades do povo e com a História (herança árabe). Ou seja, a análise do conteúdo dos textos escolhidos visa valorizar o recurso literário e o recurso arquitetónico, muito embora haja a preocupação em estabelecer uma teia de associações simbólicas compatíveis com um turismo cultural-sensitivo.

4. Estudo de caso: A representação da casa popular algarvia no texto literário

Ao pensarmos em turismo literário em Portugal, o Algarve não é, provavelmente, a região que nos ocorre de imediato. Na verdade, por circunstâncias e decisões diversas, o Algarve é mais rapidamente associado à praia, ao bom tempo e a momentos de lazer do que às atividades culturais, nomeadamente, ao turismo literário. No entanto, a viagem é um processo em aberto, no qual é imprescindível aprender a ver o que se desconhece: “É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já” (Saramago, 1995, p. 387).

Inspiradas nestas palavras, afirmamos que é possível e desejável estimular um outro olhar sobre o património literário associado ao Algarve e transformá-lo num elemento valorizador da experiência turística que cremos ser atraente para muitos. Não será

seguramente um elemento motivador da viagem por si só, mas pode surgir, no contexto da diversificação da oferta turística, que no caso algarvio se traduz na oferta de um complemento ‘ao sol e mar’ e de reforço ao *touring* cultural e paisagístico. Esta forma de turismo valoriza, portanto, as potencialidades de um típico destino de férias enquanto destino de turismo literário (Biesalski, 2011).

Posto isto, ao revelarmos as características da casa vernácula algarvia, através do olhar dos escritores, estaremos a estimular a criação de novos caminhos para o viajante e a revelar património que permanecia pouco ou nada explorado turisticamente. Se esta revelação da arquitetura popular algarvia por via da literatura não originar novos itinerários, suscitará, seguramente, novos olhares, mais informados e capazes de interpretar as casas com que se deparam, de entender as suas formas, origens e relação com o espaço, assim como as atividades económicas e o modo de vida dos habitantes. Em *A poética do espaço*, Bachelard (1996, p. 358) afirma que a casa “é o nosso canto no mundo”, revelando-a como o nosso ponto de referência, um lugar de aconchego e proteção: é o paraíso material. A casa é encontro, convergência e centro, e a partir dos textos literários cria-se a oportunidade de o visitante se encontrar com retratos do Algarve (e dos algarvios) que o inspirem a percorrer esta zona do país. Mostrar a casa algarvia aos turistas é permitir que sejam eles os construtores dos seus lugares literários, colocando, assim, a cultura algarvia ao alcance de um olhar. A casa algarvia não é uma possibilidade de existência; ela existe e pode ser visitada.

4.1. As casas e os textos

É nas palavras de um autor do Porto – Raul Brandão (1867-1930) – que encontramos uma das mais extensas referências literárias à casa popular algarvia. Em *Os pescadores* (1923), descreve-se a costa portuguesa, a paisagem, mas, sobretudo, as suas gentes e os seus modos de vida, o que implica

descrever as suas habitações. Nas palavras de Pires (1988, p. 18), Raul Brandão ambiciona concretizar o projeto de “descoberta do povo e da paisagem social”. Em *Os pescadores*, encontramos páginas dedicadas ao Algarve, nas quais se retratam Olhão, Tavira e a Ponta da Baleeira e se fazem referências à Fuzeta e a outros pontos de passagem a caminho de Sagres. Na sua apresentação do Algarve, Raul Brandão divide-o em duas partes: uma que apelida de Algarve ‘risonho’, estendendo-se de Vila Real de Santo António a Almadena, e outra que caracteriza como um Algarve ‘rasteiro e pedregoso’, abarcando a extensão de Almadena até Sagres (Brandão, 1988, p. 177). Esta divisão ignora a tradicional bipartição do Algarve em sotavento e barlavento e acrescenta uma caracterização muito visual da região.

Em *Os pescadores*, a viagem inicia-se em Olhão, onde o narrador se alonga em descrições da distintiva arquitetura cubista, sublinhando a presença das linhas geométricas, dos terraços e das açoteias ou soteias, referindo o modo como a luz do céu incide nas casas caiadas, realçando as cores azul e branca:

Céu azul-cobalto – por baixo chapadas de cal. Reverberação de sol, e o azul mais azul, o branco mais branco. Cubos, linhas geométricas [...]. Entre os terraços um zimbório redondo e túmido como um seio aponta o bico para o ar. [...] É uma terra levantina que descubro; só lhe faltam os esguios minaretes. [...] Da soteia chego às estrelas com a mão. (Brandão, 1988, p. 156)

A luz do sol que intensifica o brilho do branco e do azul das casas e dos elementos que a decoram foi igualmente celebrada pelo poeta da cidade do rio Gilão, Emiliano da Costa (1886-1968). De facto, há, na sua poesia, a ambição assumida de retratar o Algarve e os seus lugares essenciais, nomeadamente as casas e os elementos que as preenchem e cercam. O poema ‘Aldeia Branca’ é disso um exemplo: uma tela textual, na qual se enaltece o poder do elemento rei da natureza – o sol – que, para além de anunciar o amanhecer, inunda de luz a aldeia algarvia, tocando

do com o seu brilho os quintais, os telhados, as torres. Para além da cor azul, há, nas aldeias algarvias, a forte presença da cor branca da escaiola, ou cal, que forra as casas e amplifica a intensidade da luz.

Aflita, a aldeia acorre: e o ar atira
O gesso, a cal, chapões de claridade,
A ver se a cor deslava, o azul se atira.
Que superabundância – a claridade!
(Costa, 1956, p. 16)

Na realidade, nos textos literários o branco é frequentemente associada às casas algarvias, como podemos constatar no poema de Teresa Rita Lopes (n. 1937), epígrafe deste artigo: “a barrinha azul ao comprido da fachada/branca” (Lopes, 2009, p. 20). Também António Ramos Rosa (1924-2013) menciona essa mesma característica em “A mulher e a casa”:

[...]

A casa é branca
É mais branca no silêncio
É mais branca entre as árvores

A própria cidade é branca.
(Ramos Rosa, 2001, p. 67)

Mas nem todas as casas algarvias e nem todos os recantos das cidades são banhados pela luz do sol. Nas ruas tortuosas dos bairros típicos de Olhão, Barreta e Levante, o narrador d’*Os pescadores* refere que a luz não chega às fachadas das casas, ao mesmo tempo que a vida nas ruas é “fedorenta e animada” (Brandão, 1988, p. 161). Porém, este lado mais sombrio contrasta com o interior das casas, pois, na realidade, se “a rua é suja, a casa é limpa” (Brandão, 1988, p. 161). Limpa, sóbria e, naturalmente, caiada de branco:

A habitação primitiva é um cubo com uma porta e uma janela. Em cima a soteia, para onde se sobe

por degraus de tijolos, e muitas vezes sobre a soteia o mirante. Entro num e noutro destes buracos com as telhas assentes em canas. Todos eles reluzem de cal. Dois compartimentos: a chaminé, que é o nome da cozinha, e a casa de fora. Uma esteira no chão, uma cama com uma colcha de seda que só serve nos dias de festa, uma cómoda e um bancal de renda. A um canto um pote e o indispensável pincel. Caia-se tudo. Caia-se o lar e os degraus. Caia-se sempre. É um delírio de branco. Subo à soteia – a melhor parte da casa. [...] É que a soteia é o seu encanto: sítio esplêndido para respirar, eira para a alfarroba e o figo, e quarto para dormir no Verão sob um pedaço de vela. (Brandão, 1988, p.161)

Neste excerto, para além da descrição de uma casa típica de Olhão, incluindo a referência aos parques objetos no seu interior, faz-se menção à interligação com a vida dos que a habitam, nomeadamente a função da soteia como espaço de logradouro, onde também se secam os figos e as alfarrobas e que é considerado o melhor local da casa para dormir nas noites quentes de verão. De resto, os múltiplos usos da soteia são frequentemente referidos e estão bem patententes nos textos literários. Em *O sul dos meus sonhos*, por exemplo, Teresa Rita Lopes fala-nos da varanda da casa da sua meninice, em Faro, onde a mãe criava galinhas: “Minha mãe gostava de galinhas/ Eram os únicos animais/ da nossa casa de Faro/ Moravam por cima de nós/ na varanda” (Lopes, 2009, p. 47). Este era simultaneamente o seu “sítio dos milagres” (p. 38), o “refúgio” onde “treinava para equilibrista ou bailarina” (p. 35).

Retomando o excerto acima d’*Os pescadores*, sublinhamos a alusão ao pedaço de vela do barco, sob o qual se dorme, e que nos recorda que estamos em casa de homens do mar. Curiosamente, não há referência à função do mirante, que servia (e serve) para observar a entrada dos barcos e o estado do mar. Raul Brandão não deixa, porém, de apontar uma atividade paralela das famílias olhanenses: “o grande negócio de Olhão foi sempre o contrabando” (Brandão, 1988, pp. 157-158). Também este está

espelhado na arquitetura da típica casa olhanense:

Também, diga-se a verdade: toda a gente em Olhão, ricos e pobres, protegia os contrabandistas e entrava no negócio. [...] Passava-se de soteia para soteia – para o que basta estender os braços – e corria, se fosse preciso, a vila toda [...] e todas as casas tinham uma guardadeira ou falso entre duas paredes. (Brandão, 1988, p. 158)

Contrariamente à ideia generalizada de que existe apenas uma casa algarvia que é branca, com faixas azuis em torno das portas e janelas, com platibanda, varanda e chaminés rendilhadas, a arquitetura cubista, tão própria do concelho de Olhão, prova que a realidade arquitetónica algarvia é diversificada, em resultado das diferentes características geológicas/naturais e das diversas atividades profissionais dos algarvios. Por este motivo, podemos, com certeza, afirmar que não há uma casa algarvia, mas sim várias casas algarvias. Se a casa típica de Olhão se destaca pela multiplicidade de cubos organizados horizontal e verticalmente, pela presença dos mirantes, pela ausência das chaminés rendilhadas e pela inserção num espaço urbano, já em S. Brás de Alportel, o narrador d’*Os pescadores* descreve um espaço rural com “casas forradas de junco ou de palma” (Brandão, 1988, p.160). De resto, as casas rurais, ainda que distintas nas várias zonas do Algarve, pautam-se por surgirem quase sempre isoladas e rodeadas por uma pequena horta:

Todo o Algarve é um pomar cultivado com esmero. A gente do Alentejo, quando vê um bocado de terra bem tratada, diz: – É um pedacinho do Algarve. – Mas não se lembra que o Algarve está retalhado, pulverizado, três pés de oliveira, dois pés de amendoeira, e as almas rancorosas divididas como a terra. (Brandão, 1988, p. 170)

A horta, ou o “lindo hortejo” (verso de Emiliano da Costa em *Aldeias II*, 1931, p. 62), é regada a partir de uma tradicional e indispensável nora, mediante

um processo minuciosamente descrito por Teresa Rita Lopes, nos poemas “Nora Algarvia” (Lopes, 2009, p. 23) e “Saudades de Sons” (Lopes, 2009, p. 69). Neste último, podemos ler:

o ranger da velha nora
de seus alcatruzes de ferro e de lata
movidos pelo esforço da mula atrelada ao engenho
munida de antolhos de empreita para não almarear
no seu longo andar à roda à roda...
Como a Sofia
o David a Patrícia a Inês e até a Diana haviam de
gostar
de ouvir a alegria da água a sair do escuro da nora
a saltar para a “levada”
o cano que a levava até ao tanque
esse ainda vivo
onde ficava a aguardar a próxima rega
O Avô abria então o buraco
habitualmente tapado com um pau
e uma rodilha
e a água soltava-se para o tanque mais pequeno
que também ainda existe
e partia depois
em golfadas
contentes
na direcção da horta
para os braços ávidos
das plantações e árvores.

Regressando ao espaço urbano e a Raul Brandão, em Tavira, o narrador centra-se na forma como a casa é construída, de modo a minimizar os efeitos do calor:

Muros muito brancos, de porta e janela, alguns com gelosias, que é a velha e a melhor maneira de manter as casas sempre frescas. A rexa deixa passar o ar e conserva a meia-luz: dá intimidade aos interiores. (Brandão, 1988, p.169)

Apesar de se referir a esta cidade como “terra de montanheiros” (Brandão, 1988, p. 170), o nar-

rador retrata um ambiente mais citadino do que o observado em Olhão ou em S. Brás de Alportel que, naturalmente, se reflete na arquitetura:

Casas apalaçadas, tumulares. Telhados mouriscos, pontiagudos, de quatro águas, muito caiados, e as chaminés do sul, que lembram reduções de minaretes. Há-as rendilhadas; há-as com filigranas e flores. Outras mais pobres e mais simples, mas sempre aspirando para o céu de Alá. [...] A alma do moiro está viva. (Brandão, 1988, p. 169)

A descrição aqui feita das casas apalaçadas de Tavira corresponde à descrição de um tipo de arquitetura que podemos encontrar principalmente nas casas urbanas (eruditas e populares) desta cidade, mas também em Faro, Lagos e nas áreas circundantes (Fernandes & Janeiro, 2005). Quando contrastada com a descrição referente às casas de Olhão e de S. Brás de Alportel, a descrição da casa de Tavira permite-nos divisar a “problemática da ‘viagem tipológica’ das formas de habitat” (Fernandes & Janeiro, 2005, p. 69). De notar que, em Tavira – cidade ainda hoje muito associada às lendas de moiras – o narrador opta por sublinhar este lado mais exótico da cidade, multiplicando as referências a uma herança árabe que expressa estar viva e que se encontra traduzida na arquitetura, nomeadamente nas chaminés comparadas a minaretes em ponto pequeno. A herança árabe, cujas marcas são bem nítidas nas casas algarvias, ficou também registada no poema “Algarve” de Miguel Torga (1907-1995), quando o autor escreve que as casas “parecem de repente / albornozes de pedra” (Torgal & Ferreira, 2005, p. 391).

Os telhados de quatro águas ou telhados de tesoura, aos quais se refere o narrador d’*Os pescadores*, na citação acima mencionada, são um dos atributos mais evidentes da cidade de Tavira. Por esse motivo, o poeta e médico Emiliano da Costa, nascido nesta cidade, também os imortaliza no poema “À luz do dia”:

[...]
A minha casa
Tinha telhados de tesoura
Como tantos e tantos
Que vão pela cidade fora
[...]
(Costa, 1982, p. 62)

No poema “Coisas de Tavira”, Yvette K. Centeno (n. 1940) também recorda a casa desta cidade, fazendo menção a dois elementos quase sempre presentes nas representações literárias da casa popular algarvia: o terraço e a luz.

A casa da minha avó

Repito estas palavras
e as escadas de pedra
enchem-se de luz:
vejo a avó sentada
na sala a costurar.

Já não espera ninguém.

Os filhos estão com ela
e os netos vão a caminho.

Voam pelos terraços
onde outrora brincavam
roubando amêndoas e figos
postos ali a secar.

(Torgal & Ferreira, 2005, p. 370)

Para além das casas da cidade de Tavira e das da cidade cubista de Olhão, o narrador d’*Os pescadores* refere, ainda, um outro tipo de habitação na Ponta da Baleeira, mas que existia em vários pontos da costa algarvia: o arraial, i.e., uma habitação sazonal característica das zonas piscatórias:

O arraial, ao fundo duma concha de pedra, é uma fiada de casotas muito brancas, com dois ou três

grandes armazéns esparsos. Ali vivem durante o tempo da pesca, que vai de Maio até vinte e cinco de Agosto, a companha, o mestre que manda no mar, dois preguiceiros, dois interinos, e o escrivão do atum, velho autoritário e seco que representa o dono. Um arraial emprega perto de cem homens, que, acabando a época do atum, vão trabalhar nas armações de sardinha. (Brandão, 1988, pp. 171-172)

Como referimos anteriormente, a caminho de Sagres, o narrador refere as alterações geográficas, em termos da flora, da agricultura e da arquitetura. No que se refere à casa, ocorre uma passagem da predominância do branco para o escuro, acentuando o sentimento de desolação realçado pela erosão das rochas, pelos moinhos abandonados e pela ausência de árvores. A casa é uma extensão da natureza e o acinzentado de ambas reflete-se na alma do viajante:

Mas cruzo a estrada da Luz, e logo, de Almadena para diante, a terra muda de aspecto. Estranho o Algarve. Deixa de ser risonho e torna-se rasteiro e pedregoso. Inquieta-me [...] É a via sacra que começa. O monte desolado enegrece. Até as casas são escuras. A terra dá calhaus roídos, e de Budens para lá, a desolação redobra. Nem uma figueira, nem uma amendoeira. Pedras cor de lousa, resteva e rosmano. (Brandão, 1988, pp. 176-177)

Conclui-se assim uma digressão pelas casas e gentes do Algarve, de este a oeste. Uma digressão mediada pela literatura, reveladora da diversidade patrimonial desta região, tantas vezes ocultada pela simplificação a que a sua caracterização, enquanto destino turístico de sol e mar, conduziu.

5. Considerações finais

As representações literárias da casa popular algarvia expressas nos textos de Raul Brandão, Emilianos da Costa, António Ramos Rosa, Miguel Torga,

Teresa Rita Lopes e Yvette K. Centeno permitem, como vimos, identificar não um, mas três tipos de casas populares algarvias – a casa urbana, a casa rural e a casa sazonal dos pescadores (o arraial). Os textos literários apresentados não esgotam as variantes arquitetónicas da região; ainda assim, permitem visualizar a herança da história e as atividades da população, bem como assinalar as diferenças entre as casas urbanas de Faro, Tavira e Lagos e as casas cubistas de Olhão e Fuzeta, por exemplo. Para além disso, os textos oferecem abundantes referências aos elementos naturais, nomeadamente a um dos ícones da região – o sol –, transposto na luz, no brilho e no calor que condicionam não só a cor predominante da casa algarvia – o branco – como também a presença de elementos como as gelsias, as reixas, as varandas/açoteias/terraços. Para além destes elementos que concorrem para a criação de espaços tão frescos quanto possível, os textos aludem também aos tetos de canas, às chaminés (normalmente rendilhadas), aos telhados mouriscos ou aos telhados de quatro águas ou em tesoura. É ainda de salientar que, apesar de as descrições de casas caiadas de branco prevalecerem, encontramos também referências a casas mais escuras, resultado de uma construção associada à geomorfologia do território, nomeadamente ao xisto, na zona da serra do Caldeirão, e ao granito, em Monchique.

Enquanto espaço, a casa é mais do que a soma de um conjunto de divisões: revela o modo de vida de quem a habita. Nessa medida, as açoteias para a seca dos figos, alfarrobas e amêndoas e os mirantes para observação do mar, na cidade de Olhão, são exemplares do modo de vida das gentes do sul. Também a parca existência de objetos é reveladora da pobreza da generalidade da população. Não há luxo para além da colcha que se coloca esporadicamente na cama de ferro. Mas há potes para as azeitonas e a água, há esteiras sobre as quais se coloca a fruta para secar ou para as mulheres e os homens se sentarem a fazer empreita ou a remendar as redes de pesca, há capachos de empreita para atizar o lume com que se cozinha e pouco mais.

Se o turista procura a diferença, aquilo que o destino tem de único e autêntico, a casa popular algarvia corresponde a esse desejo. Quando associado à literatura, este elemento torna-se ainda mais distinto e, conseqüentemente, mais apetecível e valioso.

Referências bibliográficas

- ATLAS (2004). *ATLAS cultural tourism research project 2004: Survey report*. European Association for Tourism and Leisure Education. Acedido a 14 de janeiro de 2014, em <http://www.atlas-webshop.org/ATLAS-Cultural-Tourism-Research-Project-2004-Survey-report>
- Bachelard, G. (1996). *A poética do espaço*. (A. de Pádua Danesi, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Biesalski, V. (2011). Literaturtourismus am beispiel von Husum und Theodor Storm. In Reeh, T. & Ströhlein, G. (Eds.), *Orte, wege, visiononen: Aktuelle ansätze der tourismusgeographie, ZELTForum – Göttinger schriften zu landschaftinterpretation und tourismus* (Vol. 6, pp. 51-66). Göttingen: Universitätsdrucke Göttingen.
- Brandão, R. (1988). *Os pescadores* (2.ª ed.) Lisboa: Ulisseia. (Trabalho original publicado em 1923)
- Butler, R. (2000). Literary tourism. In J. Jafari (Ed.), *Encyclopedia of tourism* (p. 360). Londres: Routledge.
- CHT (2004). *The five steps for successful and sustainable cultural heritage tourism*. Acedido a 27 de janeiro de 2013, em <http://www.culturalheritagetourism.org/fiveprinciples.htm>
- Costa, E. da (1931). *Phlogistos: Sonetos*. n.l.: SCA.
- Costa, E. da (1956). *Poesias escolhidas*. Tavira: Tipografia o Algarve.
- Costa, E. da (1982). *Algarve na poesia*. Faro: Universidade do Algarve.
- Crang, M. (2004). Cultural geographies of tourism. In A. Lew, C. Hall & A. Williams (Eds.), *A Companion to tourism* (pp. 74-84). Oxford: Blackwell.
- EAHTR (2006). *Guidelines sustainable cultural tourism in historic towns and cities*. Bruxelas: European Association Historic Towns and Regions.
- Europa Nostra (2005). *Cultural heritage counts for Europe: Position paper of Europa Nostra, the Pan-European Federation for Cultural Heritage*. Acedido a 27 de janeiro de 2013, em http://www.europanostra.org/UPLOADS/FILS/position_paper_to_eu_institutions.pdf.
- Fernandes, J. M. & Janeiro, A. (2005). *Arquitectura no Algarve: Dos primórdios à atualidade, uma leitura síntese*. Faro: CCDR.
- International Council on Monuments and Sites [ICOMOS] (1999). *Carta internacional de turismo cultural: Gestão do turismo nos sítios com significado patrimonial*. Consultado a 18 de dezembro de 2013, em http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/ÁreasAtividade/desenvolvimentoinovacao/Documents/Doc10_CartaInternacionalTurismoCultural.pdf
- Ignarra, L. R. (2003). *Fundamentos do turismo* (2.ª ed.). São Paulo: Pioneira.
- Ivanovic, M. (2009). *Cultural tourism*. Cidade do Cabo: Juta & Company.
- Lopes, T. R. (2009). *O sul dos meus sonhos*. Olhão: Gente Singular.
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico [OCDE] (2009). *The impact of culture on tourism*. Acedido a 6 de janeiro de 2014, em <http://www.oecd.org/cfe/tourism/42040227.pdf>
- OMC – Expert Group on Cultural and Creative Industries Working Group of EU Member States Experts, European Agenda for Culture (2010). *Work plan for culture 2011-2014*. Acedido a 6 de janeiro de 2014, em <http://ec.europa.eu/culture/our-policy-development/documents/120505-cci-policy-handbook.pdf>
- Pine, B. J., & Gilmore, J. H. (2008). *Keep it real*. Acedido em 18 de dezembro de 2013, em <http://www.strategichorizons.com/documents/MarketingManagement0108>
- Pires, J. C. (1988). Ler o mar. In R. Brandão (Ed.), *Os Pescadores* (pp. 7-19). Lisboa: Comunicação.
- Ramos Rosa, A. (2001). *Antologia poética*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Robinson, M., & Andersen, H. C. (Eds.) (2002). *Literature and tourism*. Londres: Continuum.
- Saramago, J. (2006). *Viagem a Portugal* (22.ª ed.). Lisboa: Caminho. (Trabalho original publicado em 1995)
- Simões, M. L. N. (2004). Literatura, cultura e turismo: Consumo e cidadania. *Revista Espaço Acadêmico*, 37.
- Torgal, A. P., & Ferreira, M. T. (Orgs.) (2005). *Algarve todo o mar*. Lisboa: Dom Quixote.
- UNESCO (2003). *Convención para la salvaguardia del patrimonio cultural inmaterial*. Acedido a 18 de novembro de 2013, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001331/133171s.pdf>
- UNESCO (2010). *The power of culture for development*. Acedido a 8 de janeiro 2014, em <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Brussels/pdf/the%20power%20of%20culture%20for%20development.pdf>
- UNESCO (2013). *Culture for development indicators*. Acedido a 8 de janeiro de 2014, em <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/cultural-diversity/diversity-of-cultural-expressions/programmes/culture-for-development-indicators/key-dates>